

despertar



Apresentação idealizada para a disciplina de Fotografia
do curso de Jornalismo
da Universidade Católica de Pernambuco

Idealização, organização, coordenação, capturas, revisão e edição:
Camila Deschamps, Cecília Nascimento e Yasmin Gondim.

Textos: retirados do livro "A bruxa não vai para a fogueira neste livro",
de Amanda Lovelace, texto introdutório de Camila Deschamps.

Alerta de gatilho: esta apresentação remete à temáticas como violência
contra a mulher, machismo generalizado, abuso sexual, objetificação feminina
e pressão psicológica e pode ser um conteúdo sensível para algumas pessoas.

Introdução

A dura realidade feminina nos impõe desafios todos os dias. Nossa existência é rodeada de estigmas e idealizações. Quando não cumpridos, os decepcionados nos ferem. Cada palavra, cada gesto, tudo fere; por dentro e por fora. O silêncio marca seu território em nossas bocas e o medo ocupa espaço em nossas mentes. Nosso "Não" já não tem força. A mão, que segurava, passa a apertar. O peito, que confortava, nos faz tremer.

A roupa? Pouco importa para nós.

Para nós.

Nossos corpos externam a dor sentida pela alma. Será que o problema está neles? Estes, que nos levam à todos os lugares, todos os dias? Que nos permitem pular, dançar e descansar?

"É porque você tem o corpo de uma mulher", eles dizem.

Mas, ser feminina é ser mulher?

De onde vem a feminilidade?

Ela é identidade, tanto quanto é opressão. Cada elemento que nos rodeia semeia identidade e permeia opressão.

O ser mulher é renascer a cada ferida. É conseguir ressurgir,
mesmo rodeada de obstáculos.

É despertar dos ambientes que nos queimam ao encostar a pele e
ao inalar a fumaça
para criar uma corrente.

"mulheres apoiando mulheres".







"as mulheres
aguentam
não apenas porque
somos capazes disso;

não,

as mulheres aguentam
porque não temos
nenhuma outra
opção.

-eles nos queriam fracas e
nos obrigaram a ser fortes."







" "não há motivo
para ter medo",

os caras dos fósforos
nos dizem bem antes
de jogar

montes
& montes
de fósforos.

"não seja tão dramática, porra",

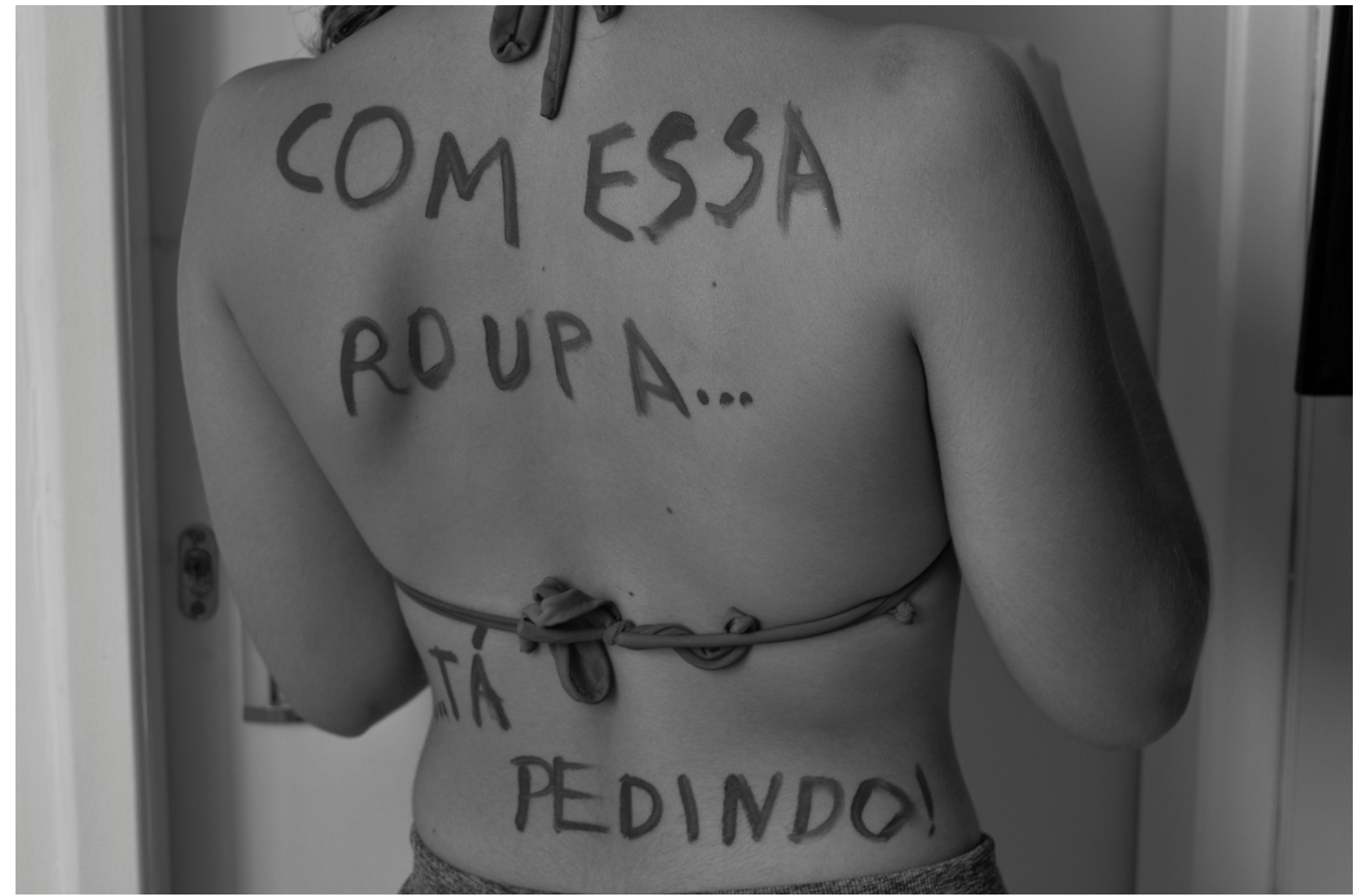
os caras dos fósforos
nos dizem enquanto nossa pele
cai pelo chão

"você é sempre exagerada",

os caras dos fósforos
dizem para os reflexos
deles nas poças.

-eles só queriam que fosse assim desse
jeito."









"em geral as histórias
que vivemos não têm
um sentido
claro, definido.
não se espera
que tenham.

devemos
extrair
a parte boa
da parte ruim
da parte cinzenta
&
decidir
o que
queremos
que tudo isso
signifique."







"para
os homens,

as mulheres
são como

botões de rosa
delicados.

até mesmo
o jeito

que eles
nos esmagam

embaixo de
seus pés zangados

os deixam
excitados."





"esta sou eu
fincando
o dedo
na areia,

desenhando
delicadamente o seu nome
nela.

para depois
me afastar
& poder
ver

você
sendo
enfim
levado embora.

-adeus."







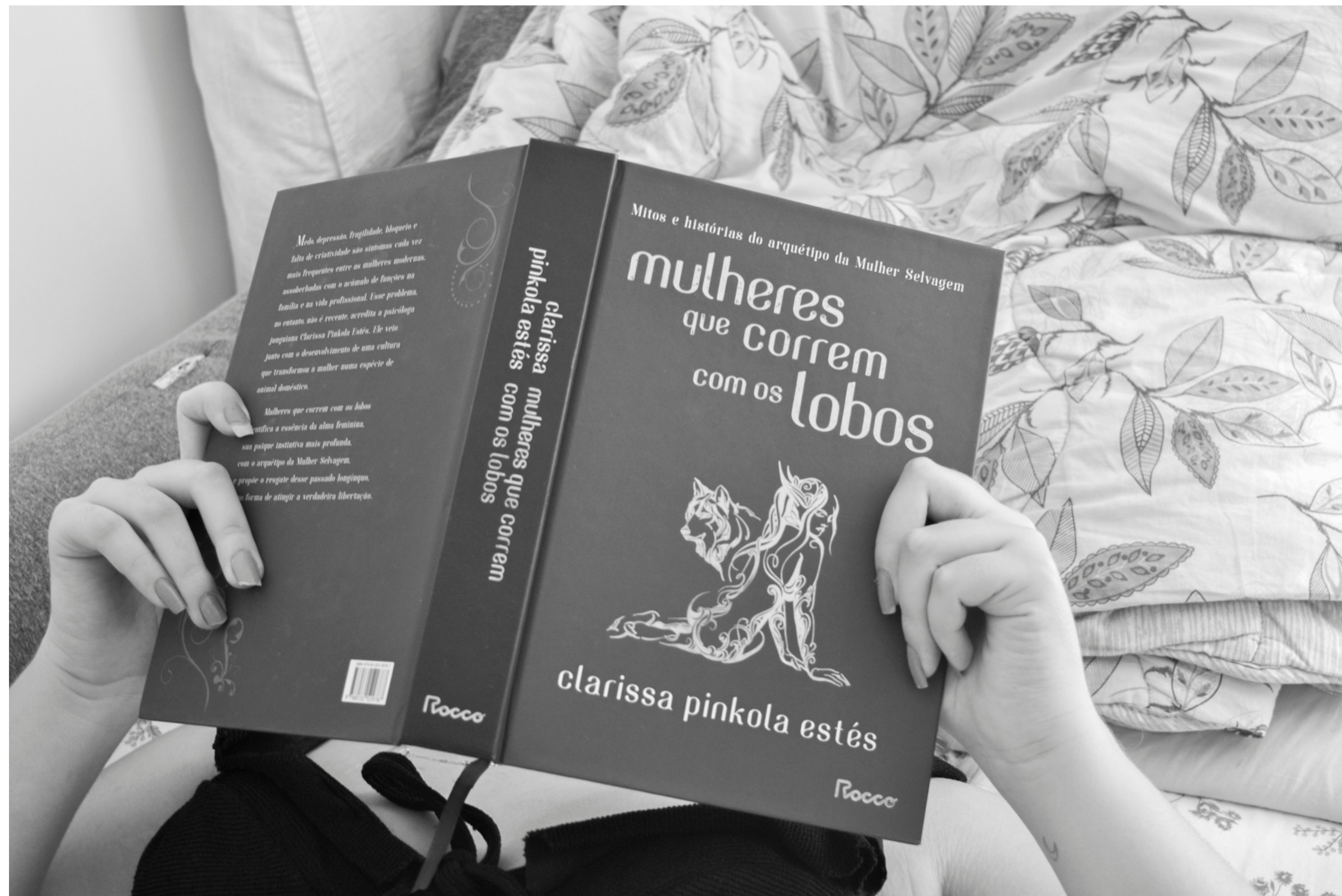
"você não
sabe
que pode
haver

estantes
e mais
estantes
e mais
estantes
de livros

escritos
sobre
sua
força?"







Medo, depressão, fragilidade, bloqueio e falta de criatividade são sintomas cada vez mais frequentes entre as mulheres modernas, assobalhadas com o acúmulo de funções na família e na vida profissional. Esse problema, no entanto, não é recente, acredita a psicóloga junguiana Clarissa Pinkola Estés. Ele veio junto com o desenvolvimento de uma cultura que transformou a mulher numa espécie de animal doméstico.

Mulheres que correm com os lobos identifica a essência da alma feminina, sua psique instintiva mais profunda, com o arquétipo da Mulher Selvagem, e propõe o resgate desse passado longínquo, como forma de atingir a verdadeira libertação.

clarissa pinkola estés
mulheres que correm
com os lobos

Rocco

Mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem
mulheres
que correm
com os lobos



clarissa pinkola estés

Rocco



"fiquei vendo
você me vendo
definhar. agora, você
não tem outra maldita opção
além de ficar
me vendo.

-ficar completa."







